



FILOSOFIA CLÍNICA E *BULLYING*: HISTORICIDADE E INTERSECÇÕES COMO INTERVÊNÇÃO NA ESCOLA

Carla Silbene Oliveira de Paula Schneiders¹
Raquel Martins Fernandes²

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre o *Bullying* no Ensino Médio, faz parte do Mestrado em Ensino da UNIC/IFMT, é um braço do projeto guarda-chuva do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea (GPHSC). O problema desta pesquisa é: Como a Filosofia Clínica pode ajudar na relação entre o diagnóstico *bullying* (quem pratica ou sofre *bullying*) aplicando submodos como intervenção pedagógica? O objetivo é estabelecer ações de intervenção por meio de submodos Filosófico-Clínicos aplicados individualmente a sete estudantes participantes da pesquisa. A natureza desta pesquisa é qualitativa e o método de compreensão dos dados é a fenomenologia com a fundamentação teórica em Ortega Y Gasset (1983) e a Filosofia Clínica de Packter (1997). O método científico aplicado é a pesquisa-ação. No desenvolvimento da aplicação de submodos percebeu-se que as questões existências dos estudantes partem de problemas profundos e que alguns deles conseguem solucionar com ou sem ajuda, mas as vivências e as consequências do *bullying* são singulares. observou-se que os submodos da Filosofia Clínica como intervenção fortalece a intercessão entre as pessoas contribuindo para o aprendizado eficaz.

Palavras-chave: Ensino, *Bullying*, Submodos Filosófico-Clínicos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada a partir das discussões realizadas no Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do IFMT – GPHSC/IFMT; este grupo iniciou suas pesquisas em 2016 e, até o presente momento (*Comitê de Ética - Parecer nº 1.773.781*), o que permitiu um diagnóstico sobre o *bullying* em escolas estaduais, na rede particular e em diversos campi do IFMT, um campus do IFMG e outro no IFPB. O GPHSC compreende a importância de divulgar os resultados desta pesquisa a toda comunidade escolar e, também, a necessidade de ações em conjunto na tentativa de solucionar o problema, já que o *bullying* é uma forma audaz de violação dos Direitos Humanos.

As pesquisas do GPHSC, desde 2016 apontam que há um número crescente de casos de *bullying* nas escolas de Mato Grosso. Consequentemente, torna-se cada vez mais necessário pesquisar e buscar soluções para combater este problema social.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Associação ampla IFMT-UNIC. Instituição de trabalho. E-mail: carlasilbenefc@hotmail.com;

² Professor orientador: Phd. IFMT. E-mail: raquel.fernandes@blv.ifmt.edu.br.



Nesse sentido, Abramovai (2002) distingue que a violência não é apenas física, a violência psicológica e moral causa traumas talvez irreparáveis que levam a pessoa ao isolamento e outras consequências. E por outro lado, Santos (2019) aponta que os reflexos nas avaliações de alunos que sofreram ou não o *bullying* são distintos entre si, com base em informações do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes.

A pergunta desta pesquisa como desdobramento das pesquisas do grupo é: Como a Filosofia Clínica pode ajudar na relação entre o diagnóstico *bullying* (quem pratica ou sofre *bullying*) aplicando submodos como intervenção pedagógica? O objetivo é estabelecer ações de intervenção por meio de submodos Filosófico-Clínicos aplicados individualmente a sete estudantes participantes da pesquisa.

O aporte teórico metodológico desta pesquisa está baseado na teoria do raciovitalismo fenomenológico e existencial humano do filósofo espanhol José Ortega Y Gasset (1983) e também na teoria filosófica clínica de Lúcio Packter (1997).

Entendemos que o raciovitalismo é uma forma de se pensar a realidade, buscando na verdadeira e profunda raiz do que dá sentido à existência não só a humana em si, mas à relação desta com todas as outras formas de existência. Para tanto, o valor da vida humana é fundamental no pensamento Orteguiano, isto está em primeiro lugar na escala de valores universais, e o respeito à singularidade é o seu principal princípio.

Trata-se de uma fundamentação que sugere desenvolver habilidades de convívio em uma sociedade que se humaniza ou se desumaniza, pois, o filósofo José Ortega Y Gasset convida o ser humano a deixar de ser massa, um ser medíocre, e também a viver em “*ensimismamiento*” reflexivo com responsabilidades sobre a circunstância em “*alteração*” (ORTEGA, 1983).

Ortega Y Gasset corrobora que eu sou eu e não sou a circunstância, mas se não cuido dela, que são todas as coisas e pessoas que me cercam, não consigo nem me salvar na circunstância: afirma “*Yo soy yo y mi circunstancia, si no salvo mi circunstancia no mi salvo yo*” (*Meditaciones Del Quijote*, 1957).

Os conceitos de Ortega Y Gasset (1983) “*ensimismamiento y alteración*” são os principais a serem considerados filosoficamente neste trabalho. O “*ensimismamiento*” diz respeito à reflexão que todo ser humano faz dentro de si mesmo que é o ato de pensar, mas pensar para o ser humano não é uma coisa dada ou automática assim como o peixe está para nadar. O exercício do pensar é algo laboroso, e nisto consiste o processo de humanização do próprio ser humano no sentido de aprender a pensar. A “*alteração*” é o estado de alerta que



todos os animais possuem, e o ser humano também observa o seu entorno e percebe a sua circunstância ao seu redor.

O filósofo brasileiro Lúcio Packter abarca o estudo da Filosofia Clínica com os trinta tópicos, que é como a Estrutura de Pensamento se constrói, e os trinta e dois submodos, como a pessoa resolve suas questões existenciais. Os tópicos e submodos se relacionam entre si de forma singular. Por isso, faz-se a pesquisa das historicidades para saber qual é a Estrutura de Pensamento (modo de ser) do Partilhante (quem partilha a historicidade).

A historicidade dos participantes da pesquisa é estudada dentro do contexto da categoria circunstância em que se apresenta. Verifica-se como a proposta de intervenção com submodos clínicos pode ajudar a diminuir o impacto cognitivo e existencial dos atos de *Bullying* na vida dos envolvidos.

Aiub (2018, p. 46) corrobora que “O ponto de partida para tal estudo é o relato do próprio partilhante sobre sua historicidade, compreendendo, como propôs Dilthey, que somos seres históricos e que, portanto, o conhecimento de si pode se dar pela consciência histórica”

A Filosofia Clínica parte da própria pessoa tal como ela se apresenta, em respeito à existência de cada singularidade em sua especificidade, pois, “Não partimos de teorias pré-existentes, a partir das quais o caso é interpretado. Não possuímos tipologias prévias que sirvam como guia para orientar o trabalho” (AIUB, 2005, p. 19).

Essa forma de enxergar o outro em si mesmo nos aponta que para conhecer os alunos com profundidade é necessário trabalhar com os integrantes do grupo escolar em quantidade reduzida ou realizar o processo por aproximação:

No que diz respeito à Filosofia Clínica, quanto maior o número de alunos em sala de aula, maior a dificuldade em se conhecer a Estrutura de Pensamento de cada aluno e utilizar esses dados na prática escolar. A lógica aristotélica já nos apontava isso: “quanto maior a extensão, menor a compreensão”. A única possibilidade seria uma leitura aproximada da Estrutura de Pensamento do grupo (...) (*idem, ibidem*, p. 96).

Nesse aspecto, conhecer o ser que se mostra no mundo é muito importante, esse ponto da pesquisa ocorre por meio da historicidade, é um compartilhar de vivências.

Observamos que a Filosofia Clínica é esclarecedora, lançando novas luzes sob as interseções entre os tópicos e submodos do estudante, tanto para o “conhecimento de si mesmo”, como diria Sócrates, como o conhecimento do contexto da historicidade.



Os submodos são os modos pelos quais a pessoa soluciona os próprios dilemas desencadeando o processo de Reconstrução da Estrutura de Pensamento da pessoa em intercessão com o “eu” na circunstância.

Deste modo, fundamenta-se o pressuposto para que o desenvolvimento epistemológico dos estudantes abarque o processo de humanização existencial ético em seu fenômeno. São elementos que a própria pessoa dispõe em si mesma como forma de superação de choques existenciais na sua estrutura de pensamento. Ao ouvir e analisar a historicidade de um estudante é possível perceber como ele se organiza interiormente e sugere formas que lhe são próprias para superar o problema que está enfrentando com a violência escolar.

Sobre a originalidade deste trabalho, encontramos pesquisas *Stricto Sensu* referentes ao *Bullying* que não fazem relação à intervenção utilizando a Filosofia Clínica. Foram encontrados estudos teóricos sobre A Filosofia Clínica no Brasil e na Escola (AIUB, 2018 e 2005), mas também não diz respeito à pesquisa *Stritu Sensu* sobre o encontro entre Filosofia Clínica e *Bullying*, neste sentido. Ou seja, este trabalho acadêmico trata-se de uma pesquisa inédita.

Portanto, estas técnicas auxiliam a aplicação do que o pensamento orteguiano que conceitua como “salvar a minha circunstância” porque se trata de uma tentativa viável de engendrar recursos de intervenção pedagógica.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, sendo descritiva e interpretativa. André (2001) define pesquisa qualitativa como perceber o fenômeno como ele se apresenta. O estudo de diagnóstico da prática de *bullying* e de intervenção em contexto escolar requer a pesquisa qualitativa com o rigor científico devido à relevância necessária no âmbito da educação (ANDRÉ, 2001).

Este trabalho faz parte da linha de pesquisa em Matemática, Ciências Naturais e suas Tecnologias. Neste caso, Bogdan e Biklen (1994) explicam que a tendência da pesquisa escolar é ser qualitativa descritiva, mesmo que seja feita de forma indutiva com apresentação de tabelas e gráficos.

Bauer e Gaskel (2002) entendem que o pesquisador não está na posição de espectador, sua posição é no “campo de observação sistemática” porque há responsabilidade em aferir as perspectivas com métodos precisos. A pesquisa produz dados à medida que a relação em intercessão se imerge e se encontra em intersubjetividades compartilhadas através de falas e



gestos. Neste caso, o pesquisador não apenas observa, mas participa ativamente interpretando os dados.

O método geral deste trabalho é a Pesquisa-ação porque visa mudar a realidade do estudante e conseqüentemente da escola, para produzir uma nova realidade; o trabalho colaborativo conta com os pares da pesquisa em formação e união observando e modificando o objeto pesquisado.

Thiollent (1987) define a Pesquisa-Ação como um tipo de pesquisa que requer intervenção do pesquisador que pretende reavaliar os resultados, refazer as ações e engajar a comunidade na tentativa de mudar as atitudes, e também apresentar devolutiva à sociedade integrante da pesquisa.

A abordagem da pesquisa é o fenomenológico, bem como o método de compreensão dos dados são realizados a partir de estudos da Fenomenologia. O referencial filosófico fenomenológico que fundamenta as nossas percepções parte do pensamento de José Ortega y Gasset. Um dos instrumentos investigativos que foram utilizados neste trabalho é o questionário semiaberto e a entrevista semiestruturada. O uso de diferentes instrumentos de pesquisa qualitativa, o questionário e a entrevista, justificam-se pela necessidade de observar as pessoas em sua circunstância com gravação de som individual ao captar a historicidade.

Esta pesquisa está dividida em quatro passos: O primeiro passo é a pesquisa bibliográfica fundamenta a base teórica em que os dados são interpretados fenomenologicamente. O segundo passo trata-se da aplicação do questionário online, contendo 27 perguntas, sendo 24 objetivas e 03 subjetivas. No terceiro passo, através do questionário bullying foi realizada a análise crítica dos dados obtidos descrevendo e interpretando fenomenologicamente com produção de gráficos dos resultados. E, por fim, no quarto e último passo, ocorreu a coleta da historicidade de sete estudantes, escolhidos por sorteio a partir do resultado do questionário online, e também a aplicação dos submodos filosófico clínicos de acordo com cada Estrutura de Pensamento individualmente para produzir ações práticas de intervenção pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

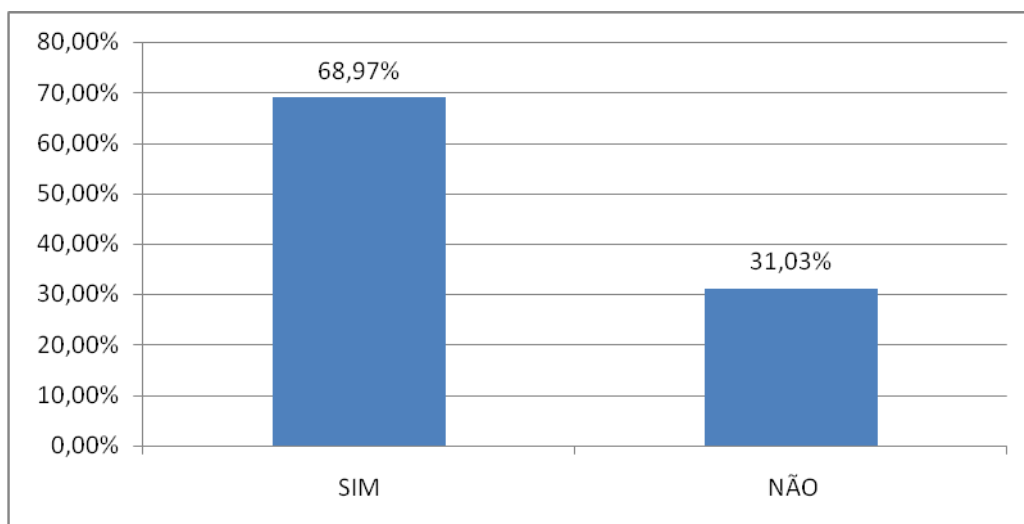
Neste trabalho, buscamos compreender como as Estruturas de Pensamento de alguns dos estudantes que sofreram e/ou praticam *bullying*, na escola pesquisada, conseguem se reestruturar existencialmente.

Observamos como o *bullying* se manifesta entre os alunos do Ensino Médio e como eles lidam com isso no espaço de uma Escola Estadual.

Dos 242 matriculados no Ensino Médio da Escola pesquisada, o universo pesquisado superou o mínimo de 10% do percentual total, foram 58 discentes que responderam ao questionário *online* sobre *bullying* no ano de 2019.

Os resultados do questionário online apontam (**gráfico 1**) que mais de 60% destes estudantes afirmam ter sofrido *bullying*. Esse percentual de estudantes que responderam sim é considerável no sentido objetivo. Na compreensão fenomenológica, aparece a circunstância de alguns que sofreram ou praticaram *bullying*, mas entendem isso como uma brincadeira aceitável, o que pode-se conjecturar que a dimensão subjetiva seja ainda maior.

Gráfico 1- Você já sofreu *bullying* na escola?

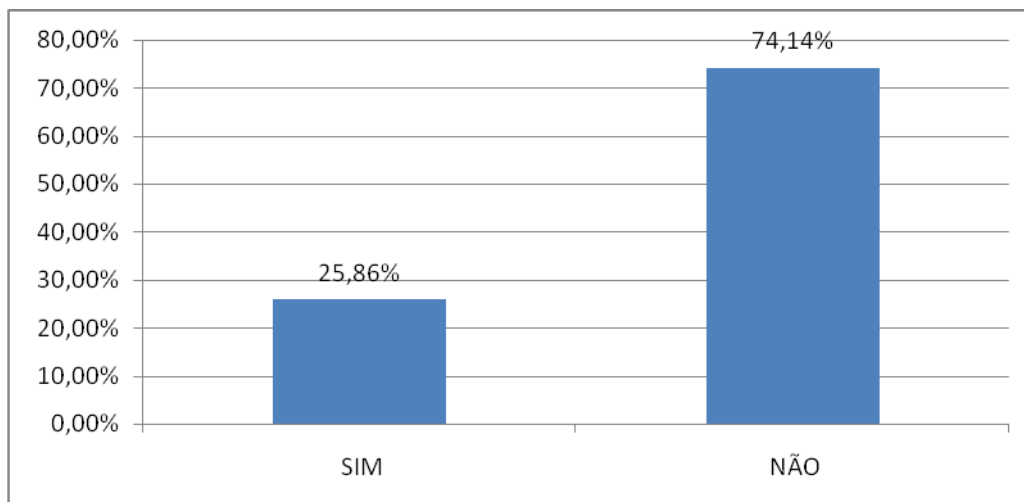


Fonte: elaborada pelos autores, 2019.

No gráfico 2, verificamos que conviver com a presença do *bullying* no ambiente escolar parece ser algo normal para muitos estudantes. Ainda que este tipo de conduta seja inaceitável, mais de 25% confirmaram que já maltrataram colegas na escola. Em Filosofia Clínica, maltratar pode ter aplicação em qualquer um dos tópicos ou submodos, por exemplo: é possível maltratar a pessoa pelo sensorial (T3), pelo que a pessoa acha dela (T2), pelo modo como o mundo parece ser para a pessoa (T1) falar da família dela, e assim infinitamente. Para o estudante chegar a conclusão de que foi mal tratado geralmente é porque a ação gerada atingiu um princípio de choque na Estrutura de Pensamento.



Gráfico 2 - Você já maltratou alguém na sua escola atual?



Fonte: elaborada pelos autores, 2019.

O resultado da partilha de historicidade foi o uso dos submodos enquanto agentes solucionadores do “problema” - nó existencial, respeitando a singularidade de cada um dos sete estudantes e suas especificidades com alteridade.

A partir do estudo prático da Filosofia Clínica, com a compreensão da historicidade do estudante e percepção dos tópicos predominantes em sua estrutura de pensamento, foi possível perceber a maneira pela qual a pessoa se mostra no mundo, acompanhando o modo de construção da Estrutura de Pensamento daquele ser em suas próprias circunstâncias e relacionar as desconstruções e reconstruções em sua malha intelectual aberta aos movimentos possíveis; o que permitiu testar a aplicação de alguns submodos pertinentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do *bullying* na escola e a intervenção pedagógica com a Filosofia Clínica são o âmbito do presente estudo. Para desenvolver esta pesquisa foi feito o uso do instrumental da Filosofia Clínica ao realizar intervenção pedagógica no ensino-aprendizado, abrangendo os submodos da própria pessoa por meio da historicidade dela mesma respeitando a sua singularidade e circunstância.

Esta pesquisa é interessante aos estudantes, aos docentes e comunidade escolar das instituições educacionais públicas ou particulares em âmbito global. Contudo, as limitações



deste estudo partem da quantidade reduzida de pessoas atendidas na partilha e também, a possibilidade de rotatividade dessas pessoas no decorrer do ano letivo.

As possibilidades de Linhas de Trabalho a partir desta pesquisa são a criação de grupos de apoio às vítimas de *bullying*, projetar a formação humana que os preparem para lidar com o *bullying* na escola e realizar a intervenção no modo de ensino ao procurar conhecer a historicidade dos discentes em relação ao aprendizado individual.

Portanto, a técnica da Filosofia Clínica viabiliza o estreitamento da interseção entre os discentes e docentes estabelecendo alteridade a partir do princípio ético, potencializando o aprendizado com eficácia, o que pode contribuir no desenvolvimento do ensino singularizado e humanizado.

REFERÊNCIAS

AIUB, Mônica. **Filosofia Clínica e Educação: a atuação do filósofo no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak Ed, 2005.

AIUB, Mônica. **Filosofia Clínica no Brasil.** *HASER. Revista Internacional de Filosofia Aplicada*, nº 9, pp. 39-65, 2018.

ABRAMOVAI, Mirian. RUA Maria das Graças. **Violências nas escolas.** Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: Buscando Rigor e Qualidade.** *Cadernos de Pesquisa*, nº113, p. 51-64, Julho/2001.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação Qualitativa em Educação.** Portugal: Porto Editora. 1994.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som.** Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ORTEGA Y GASSET, José. **Ensimismamiento y Alteración Meditación De La Técnica.** Espanha: Alianza Editorial, 1983.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditaciones Del Quijote.** Espanha: Alianza Editorial, 1957.
PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: Propedêutica.** Porto Alegre: AGE, 1997.

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica: Propedêutica.** Florianópolis: Garapuvu, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Notas para o debate sobre pesquisa ação.** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante.* 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.